

USOS DO GÊNERO BIOGRÁFICO NA ANTIGUIDADE TARDIA: EDUCAÇÃO E MORAL CRISTÃ EM *VITA OLYMPIADIS**

João Carlos Furlani**

Resumo: Neste artigo, pretendemos discutir a respeito do gênero biográfico como possibilidade de documento investigativo, com enfoque nos estudos da Antiguidade Tardia. Além disso, abordaremos, de forma sucinta, a apropriação dos gêneros literários por autores cristãos e sua produção textual, majoritariamente voltada para a disseminação das crenças cristãs, mediante exaltação dos feitos de homens e mulheres, e para a educação dos seus seguidores. Tais princípios presentes nas biografias cristãs permanecem nas populares hagiografias do século VII em diante, o que nos levou a refletir a respeito de suas características e possibilidades de pesquisa. Por fim, ao analisarmos as formas literárias de *Vita Olympiadis*, como exemplo documental, percebemos o intuito educativo desses gêneros textuais apropriados ou transformados pelos cristãos.

Palavras-chave: Biografia; Hagiografia; Educação cristã; Olímpia; *Vita Olympiadis*.

Abstract: In this article, we discuss about the biographical genre as possibility of investigative document, focusing on the Late Antiquity studies. In addition we cover, briefly, the appropriation of literary genres by Christian authors and their textual production, mostly focused on the spread of Christian beliefs by exalts the exploits of men and women, and for the education of his followers. These principles present in Christian biographies remain in popular hagiographies from the seventh century onwards, which led us to think about its features and research possibilities. Finally, when analyzing the literary forms of *Vita Olympiadis*, as documentary example, we realize the educational purpose of these appropriate genres or processed by Christians.

Keywords: Biography; Hagiography; Christian education; Olympias; *Vita Olympiadis*.

* Artigo submetido à avaliação em 3 de janeiro de 2015 e aprovado para publicação em 6 de fevereiro de 2015.

** Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciado em História pela mesma instituição. Faz parte do Grupo de Pesquisa em História de Roma da Ufes e do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir), sob orientação do prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. E-mail: joao.furlani@gmail.com.

Introdução

Um dos pilares da sociedade contemporânea é estabelecido pela educação, tanto informal quanto formal. E é a essa última que os indivíduos parecem dar mais atenção, ou pelo menos, costumam priorizar. Todavia, o processo educacional encontra-se além de acomodações físicas, instituições especializadas ou mesmo das disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Educar é um termo que engloba múltiplos sentidos, tais como: um processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, visando alguma finalidade, ou fazer que alguém se desentranhe de si mesmo, ou até mesmo enobrecer o espírito. É claro que todas essas definições podem ser questionadas, mas, sem dúvida, o processo de ensino-aprendizado, como tarefa de desenvolvimento de habilidades humanas, faz parte da história da humanidade, seja em uma sala de aula ou nas situações do cotidiano provenientes de relações sociais ou de aparentes necessidades.

Se nas atuais discussões, a definição de educação é problemática, é também um equívoco a definirmos como um processo uniforme que abrangesse todas as localidades e períodos da Antiguidade Tardia. Logo, temos em mente que ao discutirmos educação no mundo antigo, estaremos discutindo, na realidade, a educação de determinados indivíduos, em um dado local e tempo, realçado pelas práticas e preferências do instrutor ou da instituição em questão. Isso, sem dúvida, nos coloca em uma posição de extrema diversidade no que se refere ao ato de educar.

Tendo em vista esse raciocínio é que elaboramos este texto. A fim de analisar a obra *Vita Olympiadis*, uma biografia com tom semelhante ao hagiográfico, escrita no século V por um autor anônimo, foi de nosso interesse explorar a documentação com um olhar para os objetivos educacionais e morais do autor. Além disso, procuraremos estabelecer como prioridade alguns dos usos e finalidades educacionais das biografias escritas no período que compreende os séculos IV e V.

A educação clássica romana

A educação ou os métodos de ensino foram temas que tomaram o tempo de reflexão tanto de autores gregos quanto romanos. Sabemos que, no

séc. V a.C., em Atenas, o ensino de política, matemática e retórica era incumbência dos sofistas, os quais recebiam grandes honorários para ensinar aos jovens aristocratas. Dentre os mais renomados expoentes desse grupo podemos citar Protágoras, Górgias e Hípias, todos retratados por Platão em seus diálogos. Não obstante, foram os sofistas que cunharam a palavra *Paideia*, ou educação, para definir a natureza de seus ensinamentos (SILVA, 2007, p. 2). Em termos educacionais, assim como expõe Gilvan Ventura da Silva, o Império Romano não se notabilizou por inovações significativas, “uma vez que o sistema escolar vigente na época imperial representava, *grosso modo*, um prolongamento da escola helenística”. Conforme o autor (SILVA, 2010, p. 8), no sistema educacional romano, de modo geral, aos sete anos de idade, meninos e meninas iniciavam a sua instrução formal. E quem ficava a cargo de comandar as escolas de primeiras letras era o *litterator*. Tais escolas provavelmente estiveram presentes tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais, sendo frequentadas por alunos filhos de pequenos proprietários, soldados, artesãos e comerciantes. Já os filhos de aristocratas, segundo Marrou (1990), possuíam uma educação diversa, ministrada por um professor particular.

Ao atingirem a faixa etária de onze ou doze anos, os jovens poderiam frequentar o segundo nível da escolarização greco-romana, ministrado na escola do *grammaticus*. Nessa fase, assim como declara Silva (2010, p. 8), a instrução passava a ser ministrada quase exclusivamente aos rapazes, “que aprendiam os fundamentos da retórica, da eloquência e da literatura clássica [...] conjugados com lições de mitologia, requisito indispensável para compreensão adequada dos autores antigos”. Para aqueles com a idade de 15 anos aproximadamente, que dispusessem de recursos, uma nova etapa poderia ser iniciada, a dos estudos superiores na escola do rétor, na qual o ensino da retórica, gramática, aritmética, geometria, música, astronomia, filosofia, entre outras disciplinas, seriam revisadas e aprofundadas. Sem dúvida, o processo educacional greco-romano não era disponível a todos, uma vez que para tal formação, era necessário grande investimento. Além disso, e muito corrente, havia aqueles que se dispunham a sair de suas localidades de origem para frequentar aulas em outras cidades, como, por exemplo, Atenas.

Convém ressaltar que, assim como o Menochio de Ginzburg (2006), que detinha o conhecimento de certas obras e acontecimentos e era capaz de formular e defender suas ideias, mesmo sem ter desenvolvido seu conhecimento pelas mesmas vias que os clérigos do século XVI, os romanos

também desenvolviam continuamente sua formação nos mais variados âmbitos sociais. Logo, afirmamos que a educação greco-romana não se iniciava nem mesmo terminava nos redutos escolares, mas se desenvolvia em todos os momentos da vida. Nesse sentido, era possível que aqueles desprovidos de recursos para cumprir a escolarização formal tivessem acesso aos ensinamentos da *Paideia*.

Educação cristã na Antiguidade Tardia

Realçamos até o momento o que é comumente chamada de educação clássica. Todavia, sabemos que no século IV, a Igreja desempenhava um papel importante na formação dos cidadãos romanos, logo, reflexões acerca de uma perspectiva cristã a respeito da educação são fundamentais para o desenvolvimento deste artigo.

Se os ideais morais, filosóficos e educacionais estavam presente ao longo do Império Romano, tanto por vias institucionalizadas ou alternativas, formais ou informais, os ensinamentos cristãos também passaram a ser internalizados. A Igreja não formulou um sistema de ensino alternativo à escola clássica, mas antes justapôs a sua moral e a sua doutrina àquilo que era ensinado na escola dos gramáticos e dos *rétores*. Contudo, assim como declarado por Silva (2010, p. 10), em finais do século I a expressão *Christon paideia* já era recorrente nos textos eclesiásticos, porém sua preocupação era, antes de tudo, religiosa. Nesse sentido, Marrou (1990, p. 480) ressalta que a educação cristã não poderia ser ministrada nas escolas, mas nas Igrejas e no interior das relações familiares. Portanto, seria a família um importante instrumento dessa formação, mesmo que o essencial fosse transmitido pela Igreja.

No âmbito familiar, segundo Érica C. M. da Silva (2007, p. 47), a educação apresenta particularidades que a diferem da educação transmitida nas escolas e nas igrejas. Em primeiro lugar, difere-se em quem era o educador responsável. Em segundo lugar, difere-se pelo conteúdo e a forma de ensinar. Nesse sentido, João Crisóstomo afirma que faziam parte da educação dos jovens o pai, a mãe, os servos, os escravos, os tutores, os irmãos e tantos outros que tivessem influência sobre o mesmo.

Em análise da *De Inani gloria* de Crisóstomo, E. C. da Silva (2007, p. 48) afirma que para uma educação cristã adequada só poderiam tomar parte

aqueles que fossem considerados adequados, caso necessário, alguém deveria ser contratado para executar essa tarefa, como por exemplo, Teodósia, uma mulher dedicada aos preceitos caritativos do cristianismo, além de ser irmã do bispo de Icônio, foi quem ficou a cargo de educar Olímpia em sua infância, devido à perda dos pais dessa última (*Vit. Olymp.*, 1-2).

João Crisóstomo estava preocupado, não com uma formação profissional, mas como uma educação voltada para a virtude e os princípios de um cristão. É interessante pensarmos que a preocupação de João era tamanha que mesmo métodos eram indicados por ele. O bispo afirmava que para uma educação eficaz a melhor linguagem era a mais simples. Dessa maneira, os textos bíblicos tomavam a forma de agradáveis adaptações a fim de dar prazer aos menores ao mesmo tempo em que os edificasse na fé cristã. No entanto, nem tudo deveriam ser flores para os menores, os mesmos deveriam saber que Deus é poderoso, logo, os relatos que envolvessem punições divinas deveriam ser narrados com intensidade, a fim de aprenderem a temê-lo (SILVA, 2007, p. 49).

Aqui podemos elucidar um ponto de extrema divergência a respeito da formação cristã, a punição. Shaw (1987) declara que a punição fazia-se presente no regime familiar, sendo ela necessária para a disciplina. Contudo, tal opinião diverge tanto entre os contemporâneos como entre os antigos, mas há indícios de que esse ato tenha feito parte do processo educacional romano e cristão, mesmo sendo criticado. O que seria ou não necessário para a educação dos cidadãos vai além da punição, acaba por tocar em outra questão, o próprio modelo ideal de homem, que é transformado ao longo dos séculos. Nesse sentido, Silva (2010, p. 11-15) afirma que a consolidação do cristianismo na Antiguidade Tardia, tanto em seu caráter de formação religiosa, quanto nos ataques às características greco-romanas, "foi um processo que conduziu, dentre tantas outras transformações, à emergência de uma nova representação do homem, que cada vez mais era subtraído de toda conexão com os valores ancestrais do paganismo".

Sem dúvida, os cristãos se valeram de diversos instrumentos para transmitir seus ensinamentos e inculcar uma conduta compatível com eles. Homilias, discursos, pregações, visitas domiciliares, escritos, que incluem cartas, hagiografias e biografias. E são essas últimas a de nosso maior interesse, neste texto, pois é mediante elas que personagens consideradas importantes para a

história da Igreja eram lembradas e prestigiadas como modelos a serem seguidos.

Biografia e seus usos

Hoje, as biografias são documentos de extremo valor para o estudo da História. São vestígios para análise que devem ser submetidos cuidadosamente a processos metodológicos de pesquisa. Pierre Bourdieu (1996) enfatiza a necessidade da reconstituição do contexto em que o documento é escrito, bem como sobre a temporalidade que o autor biográfico tenta elucidar. Por conseguinte, destaca a importância em analisar os elementos sociais – como as instituições – que tenham a possibilidade de interferir na escrita do autor.

As biografias, em seu percurso metodológico, foram concebidas por muitos antiquistas como intimamente relacionadas ao discurso histórico. Ruiz-Werner (1973, p. 11), defende que os textos biográficos devem ser analisados à luz da subjetividade, pois para o autor o relato do biografado, é, na realidade, a visão do próprio autor. Um ponto a ser destacado sobre a produção das biografias é que as mesmas relacionam-se consideravelmente com a posição que tanto o autor quanto o biografado desfrutaram ou desfrutam na sociedade, o que inclui concepções filosóficas, políticas e religiosas.

Delehaye (1961, p. 97-98), em início do século XX, analisando o desenvolvimento das biografias de santos nos textos hagiográficos, declara que para as finalidades pretendidas e pela intenção do autor, tais textos geralmente continham informações a respeito de acontecimentos antes do nascimento do biografado, de sua procedência, de seus pais, de sua futura grandeza milagrosamente profetizada; de sua vida: a infância, a juventude, os acontecimentos mais importantes de sua carreira, suas virtudes, seus milagres, e por último seus cultos e milagres após a morte.

Se tivermos em mente que há uma relação direta entre autor e texto, a parcialidade existente nos documentos biográficos pode se tornar uma aliada no esforço de compreensão dos mesmos, pois revela, em grande parte, a maneira como o “biógrafo filtra o contexto histórico bem como suas intenções a partir do que foi registrado” (FARIAS Jr., 2007). Essa possibilidade torna-se realizável quando o documento biográfico é contrastado com outras fontes consideradas homogêneas. Ou seja, é possível recolher vestígios históricos dos

textos, já que seus autores estavam expostos e imersos num emaranhado de influências de seu tempo. No entanto, temos que levar em consideração a possibilidade de uma fuga ficcional que o autor pode tentar realizar em sua produção, motivada por alguma finalidade ou o simples fato de isso ser possível a ele. Nesse sentido, Foucault (2009, p. 27) declara que durante o esforço de investigação, há a necessidade de irmos além do “discurso manifesto” e buscarmos refletir sobre a finalidade do autor. Todavia, essa tentativa pode não ser algo simples, pois ao tentarmos dar algum sentido a determinados fatos, é provável que propaguemos uma espécie de ordem aos acontecimentos e enfatizemos apenas uma das possíveis posturas do autor. Aqui lembramos que Guarinello (2003, p. 44) ressalta que a realidade social é complexa, existindo interesses sociais distintos e até mesmo contraditórios.

As biografias greco-romanas, por sua vez, também apresentam grande flexibilidade e variabilidade. Desde a sua origem, foram chamadas de “vidas” ou *vitae*, em latim, por apresentarem características que se referem à vida de um indivíduo (KIBUUKA, 2010, p. 11).

Um modelo para a análise da biografia greco-romana parte de *Vidas Paralelas*, obra escrita por Plutarco. Tal como conhecemos hoje, *Vidas Paralelas* possui 23 pares de biografias, contendo cada par a biografia de um homem grego e outro romano.¹ Mesmo com alguns problemas de localização ou imprecisão, Plutarco oferece uma abundância de citações e, incidentalmente, um grande número de informações valiosas que contribuem para as pesquisas históricas em Antiguidade. Além disso, *Vidas Paralelas* oferece características dos textos biográficos, como o interesse nos detalhes da vida do protagonista em detrimento do contexto. Desse modo, assim como exposto por Pelling (1986, p. 159) as *vitae* não requeriam rigidez formal, sendo caracterizadas como um gênero flexível, no qual o interesse pelo contexto histórico, na produção textual, era apenas mais uma das premissas existentes. Ou seja, os biógrafos preocupavam-se em dar maior atenção aos atributos do personagem a ser descrito do que a uma narrativa histórica, gerando uma diversidade nos padrões literários. Já para Berger (1998, p. 315), “as *vitae* oferecem dados sobre origem, família, aparência, estilo de vida, costumes” do protagonista, bem como “sobre os mestres que o ensinavam”. Porém, mesmo que os textos biográficos

¹ O primeiro par de vidas (Epaminondas - Cipião o Africano) não existe mais, e muitas das vidas restantes possuem trechos truncados, devido a alterações durante as cópias de manuscritos.

pudessem conter essas últimas características, não quer dizer que fosse de forma rígida e fixa, mas sim variável.

Portanto, se atentarmos às características textuais, levando em conta que são flexíveis, e às considerações metodológicas expostas, perceberemos nas biografias as múltiplas finalidades e contextos inerentes a elas, sejam esses políticos, sociais ou religiosos. No entanto, nosso foco primordial se refere às biografias e seu uso pelos cristãos.

Literatura cristã: biografias e hagiografias

A expansão do cristianismo veio acompanhada do enriquecimento da tradição cristã por meio da sua assimilação por diferentes grupos sociais e culturas. Em especial, as tradições a respeito da vida e da obra de Jesus foram aceitas por novos ouvintes em um trânsito que também ocasionou a modificação e adaptação dessa tradição para linguagens, categorias, formas e temas mais compreensíveis aos diferentes contextos dos grupos que aderiram ao cristianismo (KIBUUKA, 2010, p. 2). Esses grupos que assimilavam o cristianismo produziam também uma literatura influenciada pelos cultos. Podemos alegar, então, que as mudanças na tradição cristã estão ligadas a essa pluralidade sociocultural, na qual as preocupações e finalidades religiosas, políticas, sociais, as controvérsias entre grupos religiosos, bem como as perseguições são causadores da variedade literária cristã, que inclui evangelhos, biografias, hagiografias, etc.

As biografias hagiográficas, por exemplo, poderiam ter uso litúrgico, tanto nas missas como nos ofícios monásticos; serem lidas em recintos privados ou na educação cristã; propagar ações de homens considerados santos, atraindo ofertas e doações às igrejas e mosteiros que os tinham como patronos; além de servir como instrumento de edificação aos cristãos nos ensinamentos oficiais da Igreja, entre outras coisas (SILVA, s.d., 1-5). Desse modo, as biografias de cunho hagiográfico mostravam-se de suma importância aos ideais cristãos, servindo de aliados a bispos e escritores cristãos que tinham o objetivo de propagar suas concepções referentes às doutrinas, ao comportamento e a moral dos fiéis.

Sendo diversas as possibilidades documentais em conter princípios hagiográficos, não havia uma unidade no que diz respeito à forma, organização

ou processo de composição de uma hagiografia (SILVA, 2009, p. 9). Ou seja, além de enfatizar em momentos específicos da vida de um santo, bem como os milagres que este teria realizado, era possível encontrar variados temas numa hagiografia, devido, principalmente, às adaptações literárias e finalidades de determinado texto. Entretanto, especialistas em hagiografias frequentemente frisam que a nobreza de um santo é um *topos* para o gênero (SILVA; SILVA; 2011, p. 49). Desse modo, somando-se todas as considerações a respeito dos textos hagiográficos, é possível considerá-lo como um gênero literário, mediante o aspecto de que o mesmo possuía finalidades e semelhanças em seu conteúdo, servindo principalmente para enaltecer algum membro importante das comunidades cristãs, sendo esse canonizado. Além de que as hagiografias eram tidas como textos de celebração, sendo lidas aos membros da Igreja em cultos e/ou festividades.

Na produção de uma biografia ou uma vida de um santo, são constatados alguns itens próximos de *topoi* literários, já que se manifestam em inúmeras biografias hagiográficas; a amplificação dos feitos do biografado é uma dessas características. Essa amplificação pode ser tanto sobre as perseguições sofridas pelos santos ou ascetas, ou pelas informações sobre a educação, o fervor e os atributos desejados a um cristão.

159

Educação cristã em *Vita Olympiadis*

Em *Vita Olympiadis*, obra anônima datada do século V, o autor, cristão, preocupa-se em narrar a vida de Olímpia de forma grandiosa, assim como os textos de veneração escritos no século VII. Muitos dos pontos que caracterizam uma biografia hagiográfica estão presentes no documento que analisamos.

Logo no primeiro parágrafo de *Vita Olympiadis* constatamos que o autor direcionava suas palavras a outro indivíduo, Tecla, considerada mártir no primeiro século. Contudo, utilizou-se desse exemplo para comparar Olímpia a tal mulher. Sua ascendência é descrita no parágrafo a seguir, Olímpia era filha de Seleuco, um dos *comites* e provavelmente descendente de Ablábio, um antigo governador.² No entanto, para o autor, era ela uma verdadeira filha de

² Sua mãe não é citada pelo autor de *Vita Olympiadis*, mas algumas análises apontam para Alexandra de Antioquia, esposa de Seleuco. No entanto, Olímpia pode ser filha de algum outro

deus, aquele que conferiria imortalidade a seus servos, alegando suas qualidades cristãs. Sua grandeza, então, já a acompanharia, pois seguia os passos de homens santos e mártires; e, como característica de sua convicção de pureza, ela teria se casado com Nebrídio, prefeito de Constantinopla, e mesmo após a morte desse e sua viuvez prematura, continuou em estado de virgindade. Pois, segundo o autor, ela não era destinada por Deus a esse tipo de relacionamentos e afazeres (*Vit. Olymp.*, 1-3). Como sabemos, o status de virgem no cristianismo da Antiguidade Tardia era algo prestigioso, ou seja, Olímpia gozaria dessa condição juntamente com as demais virgens num lugar superior na comunidade cristã (BERARDINO, p. 1427).

O documento analisado, no que se refere à infância e à juventude de Olímpia, indica que ela ficou órfã muito cedo, mas após algum tempo, Procópio, prefeito de Constantinopla, passou a ser o seu tutor. Sabemos também que a riqueza fazia parte de sua vida, de modo que sua educação foi esmerada, sendo ela acompanhada em sua formação por Teodósia, integrante de um grupo de mulheres cristãs piedosas e irmã de Anfilóquio, bispo de Icônio, (*Vit. Olymp.*, 1-2). Os acontecimentos mais importantes da vida de Olímpia são distribuídos ao longo de todo o texto, mas, convém citarmos alguns, como, por exemplo, a prestação de reverência aos bispos e presbíteros; a assistência às viúvas, servos e órfãos; o cuidado com os mais idosos e doentes; a conversão de pecadores; e as doações ao clero e aos necessitados. Não obstante, Olímpia estava entre o grupo das viúvas e o das virgens que eram consideradas como modelos de devoção. Além disso, mais importante que os estados consagrados, exerceu um cargo na igreja de Constantinopla, o diaconato feminino. Olímpia, como diaconisa, era membro da hierarquia eclesiástica do Oriente, detendo certo status e reconhecimento.

Olímpia, mesmo antes de ser diaconisa ou conhecer João Crisóstomo, já andava nos caminhos do ascetismo, e as práticas ascéticas mais efetuadas por ela foram os auxílios financeiros aos validos e à igreja de Constantinopla, bem como o sustento de diversos bispos. Todavia, essas práticas caritativas foram motivo de críticas e do confronto com o imperador, que as intensificou, declarando que ela estava esbanjando sua fortuna e distribuindo desordeiramente os seus bens aos pobres. Além disso, Teodósio esforçou-se para casá-la com Elpídio, um de seus parentes. Olímpia negou o pedido e

homem chamado Seleuco, não necessariamente o marido de Alexandra (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1975, p. 818).

enfrentou o imperador, o que acarretou a retenção temporária de seus bens (*Vit. Olymp.*, 3-4). Nesse sentido, outra situação de natureza similar ocorre no caso de Crisóstomo, no qual Olímpia foi contrária à deposição de João e à escolha de um novo bispo. Por esse motivo foi exilada em Nicomédia. Por fim, assim como descrito por seu biógrafo, a conduta de Olímpia considerada hostil para com o poder imperial, posteriormente, lhe proporcionou uma imagem de cristã injustiçada, perseguida e alvo de maquinações, que ocasionaram a sua morte em exílio (*Vit. Olymp.*, 9-10).

Por meio desses relatos, o autor anônimo elogia Olímpia e a trata como uma mulher dotada de diversas virtudes, considerando-a: séria; zelosa; companheira e serva da igreja; piedosa; inteligente; corajosa; paciente; humilde; mais simples que as crianças; nobre serva de deus, e, por fim, superando a samaritana dos evangelhos (*Vit. Olymp.*, 1-10).³

As características milagrosas em vida também estão presentes em *Vita Olympiadis* (5), o autor declara que Olímpia teria encontrado na estrada até Jericó um homem que foi atacado e deixado semimorto pelos ladrões, mas ela levou-o até uma estalagem, e de ter misturado a óleo de generosidade com o vinho forte, curou suas feridas. Se os milagres em vida estão presentes no texto, as ações miraculosas após sua morte não poderiam deixar de serem mencionadas. De acordo com o autor de sua *vita*, Olímpia, após sua morte, teria aparecido em um sonho para um metropolitano de Nicomédia, declarando que depositassem seu corpo em um barco e o deixassem à deriva para onde o barco acuasse ele fosse desembarcado e sepultado. Consequente, o metropolitano teria realizado as instruções de sua visão, contribuindo para a chegada do barco à costa em frente à igreja de São Tomé. Lá alguns homens teriam encontrado o corpo de Olímpia e o carregado para dentro da igreja. Ascetas de ambos os sexos foram convocados para agradecer a Deus por terem encontrado o corpo de Olímpia (*Vit. Olymp.*, 11). Portanto, logo após tais eventos, a fama de Olímpia aumentou consideravelmente até o ponto de se espalharem notícias que numerosas curas ocorriam após visitar a sua tumba; fato esse que corroborou com sua posterior canonização, celebrada no dia 25 de julho, data de sua morte.

³ Tais atributos de Olímpia podem ser encontrados em *Vita Olympiadis* nos seguintes parágrafos: séria (1); zelosa (1); companheira e serva da Igreja (2); piedosa (8); inteligente (5); corajosa (10); paciente (10); humilde (4); mais simples que as crianças; nobre serva de deus (7), superando a samaritana dos evangelhos (5).

Considerações finais

Temas que podem tomar rumos tão abrangentes, como é o caso da educação, são sempre instigantes para nós. Ainda mais quando temos em mente que a educação transpassa as instituições físicas, sendo difundida nos mais variados âmbitos da sociedade. Educação essa que é designada por formal e informal por nós hoje, mas que não possuía tais adjetivos na Antiguidade. É claro que a educação greco-romana possuía modelos, mas isso não quer dizer que eles vigoravam e serviam para todos os indivíduos, dada a vasta gama de povos que o Império Romano abrangia territorialmente. Domínio territorial não quer dizer domínio das práticas cotidianas, pois aqueles que ensejavam continuar com suas práticas tradicionais, aproveitaram-se disso e mantiveram-nas – estendemos aqui não exatamente para o fulcro educacional, mas sim para um âmbito geral da cultura.

No que se refere aos cristãos e suas variadas formas de ensino, a literatura produzida pelo clero certamente contribuiu para sua expansão educacional. Elegemos, neste texto, as biografias e hagiografias como foco de nossa atenção, devido às possibilidades que um autor tinha em mãos ao registrá-las. No entanto, devemos dar atenção a alguns problemas comuns quando tratamos da literatura cristã, que é a definição de gêneros literários, a qual Foucault (2009, p. 175) havia chamado atenção, alertando para não encararmos, por exemplo, um registro biográfico como meramente biográfico, ou seja, não se preocupar somente com a estrutura do texto, mas sim com o conteúdo do texto e o que vai além dele, o autor e seu contexto.

Nos textos biográficos, é perceptível a preocupação que é dada em exaltar feitos de determinada personagem, o que acaba por reforçar tal característica como *topos* para esse determinado tipo de literatura. Documentos esses capazes de trazer mudanças aos seus seguidores, tanto em apreensões terrenas como espirituais, incluindo-se aí comportamento, moral, regras e atividades distintas, que restringem ou inovam o *modus vivendi* desses grupos praticantes. Assim como Plutarco que, em suas biografias, tentou construir um ideal de *paideia* capaz de gerar governantes virtuosos (FORTE, 1972, p. 11-12), os cristãos utilizaram-se dos textos biográficos em favor de sua *Christon paideia*. A preocupação dos membros da hierarquia eclesiástica era expressa em homilias, sermões e, é claro, na produção literária. Indubitavelmente as correspondências, biografias e os mais variados tipos de textos escritos por

cristãos passariam, aos poucos, a ter um conteúdo que reprovasse as ações que considerassem impróprias, numa tentativa de combatê-las. Para isso, valer-se-iam de figuras importantes, como ascetas, mártires, santos a fim de constituírem os exemplos de conduta e disciplina a serem seguidos, promovendo, então, a boa ordem desejada pelos membros dos cargos eclesiásticos.

Concernente aos aspectos morais e educacionais de *Vita Olympiadis*, preocupamo-nos em dar atenção, primeiramente, ao seu próprio gênero textual, o de uma biografia com características hagiográficas. Nesse sentido, podemos destacar aqueles que são considerados os três principais elementos de uma biografia hagiográfica: as ações realizadas em vida pelo santo e que retratam o seu desejo pela santidade; a morte vista como processo de passagem para uma vida divina, o qual seria destinado; e, finalmente, os milagres *post-mortem*, como sinal do êxito e comprovação da santidade (SILVA, s.d., 7). Constatamos que todos esses elementos são relacionados a Olímpia em sua *vita*, o que nos leva a ponderar sobre o caráter pedagógico do documento, que, além de resgatar uma representação de bons cristãos a Olímpia e a João Crisóstomo, visava a edificação espiritual daqueles que ouviriam ou leriam sua biografia. Por fim, pensamos *Vita Olympiadis*, como uma biografia hagiográfica, dentre diversas outras, capaz de transmitir os preceitos, os ideais e a moral contida na formação e educação cristã.

163

Referências

Documentação primária

ANONIMOUS. Life of Olympias. In: CLARK, E. A. (Ed.). **Jerome, Chrysostom, and friends**: essays and translations. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1979.

Obras de apoio

BERARDINO, A. **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petropolis: Vozes, 2002.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 183-191.
- DELEHAYE, S. J. **The legends of the saints: an introduction to Hagiography**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1961.
- FARIAS Jr., José Petrúcio de. Biografia e historiografia: contribuições para interpretação do gênero biográfico na Antiguidade. **Espaço acadêmico**, Maringá, ano VI, n. 68, 2007.
- FORTE, B. **Rome and the Romans as the Greeks saw them**. Rome: American Academy of Rome, vol. XXIV, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. **Politeia**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.
- JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire (AD 260-395)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. v. 1.
- KIBUUKA, B. G. L. Os gêneros literários biográficos da Antiguidade Tardia e os evangelhos. **Alethéia – Revista de estudos sobre Antiguidade e Medieval**, v. 2, n. 2, p. 1-12, ago.-dez. 2010.
- MARROU, H. I. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990.
- PELLING, C. B. R. Plutarch and Roman Politics. MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (Eds.). **Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- RUIZ-WERNER, J. M. La Biografia em Grécia. In: _____. (Org.) **Biógrafos griegos**. España: Halar, 1973.
- SHAW, B. D. The Family in the Late Antiquity: the experience of Augustine. **Past and Present**, Oxford, v. 115, p. 3-51, 1987.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). Introdução. In: _____. **Banco de dados das hagiografias ibéricas (século XI ao XIII)**. Rio de Janeiro: Pem, 2009 (Coleção Hagiografia e História, v. 1).
- _____. **Hagiografia**. S.d. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2012.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da. Relações de poder na *Vita Sancti Fructuosi* e na *Vita Dominici Siliensis*: santos,

- monges, reis e nobres em duas hagiografias ibéricas. **Brathair**, São Luís, v. 11, n. 2, p. 43-57, 2011.
- SILVA, Érica Christhyane Moraes da. A formação cristã no século IV: a educação familiar dos jovens segundo João Crisóstomo. In: SILVA, G. V. da; SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P. (Orgs.). **História e educação**: territórios em convergência. Vitória: GM, 2007, p. 45-55.
- SILVA, Gilvan Ventura da. Conflito, *paideia* e magia no século IV: a concorrência entre os professores nas cidades do Oriente. In: SILVA, G. V. da; SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P. (Orgs.). **História e educação**: territórios em convergência. Vitória: GM, 2007, p. 11-34
- _____. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a *Christon paideia*. **Acta Scientiarum - Education**, Maringá, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Práticas de educação na Antiguidade: um olhar sobre a *paideia* de Plutarco. **Travessias**, Cascavel, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2007.